

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

VICTÓRIA MARIA JORGE

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO DA ARTE

CRICIÚMA

2015

VICTÓRIA MARIA JORGE

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Izabel Cristina Duarte

CRICIÚMA

2015

VICTÓRIA MARIA JORGE

UM OLHAR SOBRE A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Izabel Cristina Duarte – Especialista em Ensino da Arte - UNESC - Orientador

Prof. Kátiuscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestre em Ciências da Linguagem -
UNISUL

Prof. Édina Regina Baumer – Mestre em Educação - UNESC

**Dedico esse trabalho a todas as pessoas
que amo, sobretudo meus pais.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus pais, que são a minha razão de tudo.

Agradeço a todos os meus familiares, por compartilharem comigo a alegria e satisfação em estar me graduando.

Ao meu namorado, Ângelo, que esteve caminhando comigo durante todo esse tempo, me incentivando a continuar e me dando toda paz de espírito e amor que eu preciso.

Aos meus amigos Mikael, Maíra e Dhjulia por toda a parceria e amizade nesses quatro anos e por fazerem isso tudo valer a pena.

A todos os amigos que carrego em meu coração e que me acompanham na vida.

À minha orientadora Izabel Duarte, por toda sua paciência, compreensão, amizade e dedicação, mas principalmente por ter aceitado meu convite. Agradeço cada palavra.

À escola que colaborou com minha pesquisa de campo e com minha formação no Ensino Médio.

À minha professora do Ensino Médio, Elizandra, por toda ajuda prestada a mim, não apenas no momento de minha pesquisa, mas pelas gentis palavras quando soube que estava cursando o curso de Artes Visuais Licenciatura. E principalmente, por ter sido uma inspiração para que eu escolhesse esse caminho.

Às minhas professoras Katiuscia e Édina, por aceitarem fazer parte da minha banca examinadora. Eu não teria sugerido vocês se não tivessem sido significativas em minha formação.

E por último, mas não menos importante, a cada pessoa que, por algum motivo, se interessar em ler minha pesquisa.

**“E de que serve um livro”, pensou Alice,
“sem figuras nem diálogos?”.**

Aventuras de Alice no País das Maravilhas

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado “Um olhar sobre a linguagem dos quadrinhos no ensino da arte”, tem como objetivo geral pesquisar as relações entre histórias em quadrinhos e o ensino da arte. Quanto aos objetivos específicos: Investigar o que são histórias em quadrinhos e sua origem. Ampliar a alfabetização visual que os quadrinhos possuem em seu contexto. Mostrar as possibilidades de aprendizagem utilizando as histórias em quadrinhos nas aulas de Artes. O problema que serviu como embasamento para a pesquisa, foi: Como as histórias em quadrinhos se relacionam com o ensino da arte? E está associado à linha de pesquisa de Educação e Arte do curso de Artes Visuais Licenciatura, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Para o cumprimento do trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo, onde um questionário foi utilizado como ferramenta para a coleta dos dados. É considerada com abordagem básica, exploratória e qualitativa, sendo que analisei as respostas dos alunos participantes do questionário, que tinha como intuito saber que tipo de contato os alunos do Ensino Médio, da Escola Walter Holthausen, tem com as histórias em quadrinhos na escola. Com a realização deste questionário, pôde ser percebida a carência dos alunos em relação à linguagem dos quadrinhos nas aulas de Artes. Sendo assim, percebe-se também a necessidade de uma alfabetização dos professores, acerca da relevância em abordar esta linguagem na sala de aula. Os principais autores utilizados nesta pesquisa foram Vergueiro (2009), Ramos (2009), Eisner (1999) e Cagnin (1975).

Palavras-chave: Quadrinhos. Arte. Linguagem. Ensino da arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tirinha com balão-fala.....	18
Figura 2: Tirinha com balão-pensamento.....	18
Figura 3: Tirinha com balão-berro.....	19
Figura 4: Recorte com balão-cochicho.....	19
Figura 5: Recorte com balão-trêmulo.....	20
Figura 6: Recorte com balões-intercalados.....	20
Figura 7: Recorte com balão-uníssonos.....	21
Figura 8: Tirinha com balão-zero.....	21
Figura 9: Tirinha com balão-mudo.....	22
Figura 10: Recorte com balões-duplos.....	22
Figura 11: Recorte com balão de apêndice cortado.....	23
Figura 12: Recorte com balão-composto.....	23
Figura 13: Recortes de tirinhas com metáforas visuais.....	24
Figura 14: Recortes de tirinhas com metáforas visuais.....	24
Figura 15: Recortes de tirinhas com metáforas visuais.....	25
Figura 16: Recortes de tirinhas com onomatopéias.....	25
Figura 17: Charge.....	26
Figura 18: Cartum.....	27
Figura 19: Tirinha fechada.....	27
Figura 20: Tirinhas seriadas.....	28
Figura 21: Dr. Manhattan.....	38
Figura 22: Whaam!.....	38
Figura 23: Chico Bento.....	39
Figura 24: Luca.....	39
Figura 25: Dorinha.....	39
Figura 26: Tati.....	40
Figura 27: Tirinhas de Rafael Sica.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

HQs	Histórias em Quadrinhos
ABE	Associação Brasileira de Educadores
INEP	Instituto Nacional de Educação e Pesquisa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO	14
2.1 A NECESSIDADE DE UMA LEITURA VISUAL EM RELAÇÃO AOS QUADRINHOS	17
3 O ENSINO DA ARTE	30
4 O ENSINO DA ARTE E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	35
5 METODOLOGIA	41
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	43
7 PROJETO DE CURSO	49
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICE(S).....	56
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS.....	57
ANEXO(S).....	58
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO - USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS.....	59
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	60

1 INTRODUÇÃO

Assim como uma grande parte das crianças brasileiras, quando criança lia gibis da Turma da Mônica, criados por Mauricio de Sousa¹. Sempre que recebia livros didáticos da escola, a primeira coisa que fazia, era folheá-los à procura de tirinhas. O mesmo acontecia com jornais. Com o passar do tempo, os gibis que eu lia se perderam, ou pelo menos em minha memória. Conforme fui crescendo, passei a ser leitora assídua de livros. Porém, na maioria das vezes, eu tinha de lê-los pelo computador, baixados da internet, já que eu ainda era adolescente e não trabalhava para poder comprá-los. Depois de um tempo, achei também, além dos livros, histórias em quadrinhos na internet, prontas para serem lidas. Porém, como meu conhecimento em nomes de gibis era limitado a apenas Turma da Mônica e as histórias da Disney, como Tio Patinhas, Mickey e Minnie, entre outros, eu me interessava mais em ler livros, do que quadrinhos.

No entanto, com essa nova descoberta de que havia quadrinhos na internet, eu conheci *The Umbrella Academy*, uma história em quadrinhos criada do Gerard Way. Gerard era vocalista da minha banda favorita, *My Chemical Romance*, como na época queria tudo que tinha relação com a banda e seus integrantes, procurei vários meios de obter essa HQ² na internet. Ao achar sites de compras online que a vendiam, encontrei outros títulos de quadrinhos, que até então não conhecia: Snoopy³ (eu achava que só havia animações, sendo que na verdade a origem do personagem e sua turma é nos quadrinhos), Calvin e Haroldo⁴, diversas histórias de super heróis, inclusive Batman, meu herói favorito, entre muitos outros.

Algum tempo depois, quando já estava na graduação, e já tendo como

¹ Mauricio de Sousa (1935) é cartunista brasileiro. Criou a "Turma da Mônica", e vários outros personagens de história em quadrinhos. É membro da Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira nº24. O mais famoso e premiado autor brasileiro em quadrinhos. FONTE: <http://goo.gl/SDdVKW>

² HQ ou HQs: Sigla para Histórias em Quadrinhos.

³ Snoopy é um cachorro da raça beagle, protagonista da história originalmente intitulada Peanuts, criada pelo quadrinista Charles Schulz. (...) As histórias giram em torno das aventuras e desventuras destes dois distintos personagens; Snoopy, que ao adormecer no telhado de sua casa alimenta sonhos extraordinários. (...) E Charlie Brown, que junto a sua turma responde pela essência filosófica da história, que já inspirou diversas pesquisas acadêmicas, até mesmo uma tese do italiano Umberto Eco. FONTE: <http://goo.gl/hThdv9>

⁴ Calvin, o menino de imaginação fértil, que tem como melhor amigo um tigre, que para muitos não passa de um bichinho de pelúcia, mas que para ele tem vida e é seu companheiro para todas as horas, teve seu nome inspirado no famoso teólogo John Calvin (1509-1564), ou João Calvino, no bom e velho português, que acreditava na predestinação. (...) Apesar de se comportar como qualquer criança de sua idade, ele não é de todo comum. Calvin apresenta muito das facetas do seu criador, o Bill Watterson, e isso o torna uma criança singular, que muitas vezes apresenta pensamentos e linguagens que não batem como seu perfil de idade, mas que são apresentadas de forma tão genial que você acredita que ele está falando realmente isso. FONTE: <http://goo.gl/p10gCL>

comprar as minhas próprias histórias em quadrinhos, me vi em um ciclo vicioso, comprando gibis e me interessando por novas histórias cada vez mais.

Acredito nas histórias em quadrinhos como uma linguagem artística, que transborda conhecimento, pois possui elementos visuais que proporcionam uma metodologia onde interagem entre linhas, cores, formas e conteúdo e isso precisa ser reconhecido no espaço escolar.

Ao realizar um estágio em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, para o cumprimento da disciplina de Estágio II do curso, onde propus atividades relacionadas a quadrinhos, percebi grande desinteresse por parte dos alunos pelo tema. Isso despertou grande curiosidade em mim, pois sempre achei que adolescentes gostassem de ler histórias acompanhadas de imagens, pois isso, a meu ver, torna a leitura mais interessante e divertida.

Ao pensar em minha proposta para essa pesquisa, me dei conta de que na escola nunca tive contato com a linguagem dos quadrinhos de uma forma que estimulasse o prazer pela leitura dos mesmos. Os quadrinhos no espaço escolar normalmente são usados como uma ferramenta pedagógica, ao invés de serem ensinados como uma linguagem em si. Por todos esses motivos, escolhi essa temática para minha pesquisa, para poder analisar a fundo porque os professores utilizam tão pouco os quadrinhos. Trago em minha pesquisa os pontos positivos em usar essa linguagem nas salas de aula, e também, mostro por meio de um questionário, o desejo que os alunos têm de estudar os quadrinhos e seus elementos.

As questões norteadoras que demarcam esta pesquisa são: Como propor as histórias em quadrinhos nas aulas de Artes? Que influências podem ter os quadrinhos no desempenho do aluno nas aulas de Artes? Como os alunos do Ensino Médio percebem os quadrinhos no cotidiano escolar? Como os professores de Artes podem incentivar a leitura de imagem dos quadrinhos aos alunos?

A presente pesquisa tem como objetivo pesquisar as relações entre histórias em quadrinhos e o ensino da arte.

Discorrendo sobre os capítulos, no capítulo 2 intitulado Os quadrinhos na educação, trago uma discussão sobre o surgimento dos quadrinhos como comunicação de massa e sua trajetória na educação e também um subtítulo: A necessidade de uma leitura visual em relação aos quadrinhos, que apresenta seus elementos visuais. Os autores apresentados neste capítulo, são: Luyten (1985),

Vergueiro (2009), Carvalho (2006), Vergueiro; Ramos (2013), Mendonça (2003), Cagnin (1975), Iannone; Iannone (1994) e Ramos (2009).

No capítulo 3, intitulado O ensino da arte, traçamos uma linha histórica sobre as pedagogias que fizeram parte da trajetória educacional que envolveram o ensino da arte, dialogando com os autores Ferraz; Fusari (2010), Libâneo (1985) e Saviani (1980).

No capítulo 4, que tem como título O ensino da arte e as histórias em quadrinhos, comento sobre a relação existente entre a linguagem dos quadrinhos e educação, e o quanto ela ainda não é percebida como arte dentro do contexto educacional. Os autores que trago neste capítulo são: Eisner (1999), McCloud (1996), Eco (1996), Cauquelin (2005), Cocchiarale (2007) e Cagnin (1975).

Na metodologia, situada no capítulo 5, detalho a pesquisa trazendo sua linha de pesquisa, o problema que serviu como base de investigação para a coleta de dados. Os autores utilizados neste capítulo são: Gil (2002) e Minayo (1996).

No capítulo 6, trago a apresentação e análise de dados, com os questionários aplicados aos alunos do Ensino Médio, e seu diagnóstico. Os autores trazidos para esta discussão foram: Barbosa (2003), Vergueiro (2009) e Ramos (2009).

No capítulo 7, apresento o projeto de curso que tem como objetivo propiciar um momento de discussão sobre os quadrinhos e a ausência dessa linguagem na metodologia das de arte.

E concluo, no capítulo 8, que de fato os quadrinhos é uma linguagem que contribui para o processo de aprendizagem, porém existe uma lacuna em relação à sua utilização no cotidiano escolar.

2 OS QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO

O ser humano sempre se apropriou de imagem para se comunicar. Uma evidência são as pinturas rupestres como forma de registrar acontecimentos no quais muitos estudiosos as vêem como uma forma de arte sequencial, assim como os quadrinhos, conforme afirma Luyten (1985):

por incrível que pareça, as origens das HQ estão justamente no início da civilização, onde as inscrições rupestres nas cavernas pré-históricas já revelavam a preocupação de narrar os acontecimentos através de desenhos sucessivos. (p. 16)

Paredes se tornavam cenários de imagens e símbolos que representavam alguma ideia. Essas imagens tinham intenção de evidenciar alguma mensagem específica, fosse sobre caça, animais selvagens, etc. Quando alguma imagem era desenhada nessas paredes, seguida de alguma outra imagem, e assim davam continuação à mensagem que o homem queria passar, Vergueiro (2009) afirma que, se enquadradas, assemelham-se às atuais histórias em quadrinhos. (p. 9)

Assim como as pinturas rupestres, existem tantas outras expressões artísticas que se assemelharam com a narrativa dos quadrinhos, como tapeçarias, afrescos, mosaicos, etc.

Porém, essa história se iniciará com a data de 1894, que foi quando os quadrinhos passaram a ser considerados comunicação de massa. Luyten (1985) afirma que essa data se tornou um marco inicial para as HQs, devido à criação do personagem Yellow Kid, de Richard F. Outcault, no qual aparecia diariamente no jornal New York World, e se tornou “a principal atração do jornal”. (p. 18) Vale a pena enfatizar que Outcault não inventou os quadrinhos, esse destaque na história relacionado a esse autor, foi o fato de ele ter introduzido o balão, “que é sem dúvida o elemento que define a história em quadrinhos como tal”. (Idem, p. 19) Essa nova forma de fazer os quadrinhos, deu autonomia e um novo dinamismo, pois se libertaram das legendas que acompanhavam cada imagem.

Com toda essa evolução, os jornais passaram a dar espaço ao mundo da iconografia⁵ e isso provocou a correlação das HQ como comunicação de massa.

⁵ Iconografia é um substantivo feminino da língua portuguesa e define o estudo dos assuntos representados por imagens artísticas, obras de arte, relacionando com as suas fontes e significados. FONTE: <http://goo.gl/5bbZZC>

Inicialmente, tinham sua visibilidade nas páginas dominicais, mas com o passar do tempo, os jornais passaram a publicar diariamente as famosas tirinhas, que continham diversos temas. E assim, os quadrinhos difundiram a cultura norte-americana, juntamente com o cinema. (LUYTEN, 1985)

Os quadrinhos provocam grande curiosidade em crianças, jovens e adultos, não apenas pelas histórias, mas também pelas imagens que as acompanham. Podemos afirmar que até mesmo os estudantes que não tenham o hábito da leitura em quadrinhos, têm uma relação estreita com essa narrativa, pois estão presentes em materiais utilizados pela escola como livros, principalmente os didáticos. (VERGUEIRO, 2009)

Mas nem sempre foi assim, o uso das histórias em quadrinhos nas escolas é algo recente. Por algum tempo elas foram vistas como algo não educativo às crianças e jovens. Carvalho (2006) afirma que em 1928, a Associação Brasileira de Educadores (ABE) contestou o uso das HQ, afirmando que elas “*incutiam hábitos estrangeiros nas crianças*” (p. 32). Em 1944, segundo o mesmo autor, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (Inep), juntamente com o Ministério da Educação e Cultura (MEC), afirmou que as histórias em quadrinhos causavam “*lerteza mental*” a quem as lessem. (Ibidem, p. 32)

Essa forma de ver os quadrinhos tem sua origem no livro de Fredric Wertham, um psiquiatra Alemão que em 1954 lançou o livro *Seduction of the innocent (A sedução do inocente)*, no qual afirmava “que os quadrinhos provocavam comportamentos anormais nas crianças.” (CARVALHO, 2006, p. 34).

O livro ocasionou um refinamento no “código de ética” dos quadrinhos, criado no final da década de 1940. Este código alvejava “garantir a pais e educadores que o conteúdo das revistas não iria prejudicar o desenvolvimento moral e intelectual de seus filhos e alunos.” (VERGUEIRO, 2009, p. 13) Porém, esse código não foi o bastante para deter os que iam contra os quadrinhos. Então, a *Comics Magazine Association of America* refinou o código, e com esse novo, cada quadrinho publicado nos Estados Unidos, recebia um selo na capa, assentindo a qualidade do gibi. (Ibidem, p. 13)

Porém, mesmo com tudo isso, o preconceito com os quadrinhos continuou. Sendo assim, a possibilidade de utilizar os quadrinhos na escola era nula. Como afirma Vergueiro (2009): “A barreira pedagógica contra as histórias em

quadrinhos predominou durante muito tempo e, ainda hoje, não se pode afirmar que ela tenha realmente deixado de existir.” (p. 16)

O avanço das ciências da comunicação e dos estudos culturais, no decorrer do século XX, teve grande influência no olhar para os meios de comunicação. Foram analisados em suas especificidades e assim, foi compreendido a relevância de cada meio, como rádio, televisão, cinema, etc., e conseqüentemente, os quadrinhos. Com isso, as histórias em quadrinhos passaram “a ser aceitas como um elemento de destaque no sistema global de comunicação e como forma de manifestação artística com características próprias.” (VERGUEIRO, 2009, p. 17) Essa percepção das histórias fez com que todo preconceito atribuído à elas, fosse reprimido. Ficou visível que a rejeição que vinha por parte dos educadores e dos pais, era “desprovida de fundamento, sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento.” (Ibidem, p. 17) Isso tudo contribuiu para que os quadrinhos fossem inseridos nas escolas.

Com o passar do tempo outras linguagens foram ganhando cada vez mais visibilidade no meio escolar, como aponta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996:

- item II do art. 3º da lei diz que a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber “é uma das bases do ensino”;
- item II do § 1º do art. 36 registra, de forma mais explícita, que, entre a diretrizes para o currículo do ensino médio, está o conhecimento de “formas contemporâneas de linguagem”. (VERGUEIRO; RAMOS, 2013, p. 10)

Nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), pode-se encontrar falas sobre os quadrinhos. Referente à Artes Visuais, o documento aponta a indispensabilidade do:

Conhecimento e competência de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, histórias em quadrinhos, telas de computador, publicações, publicidade, design, desenho animado etc. (PCN, 1998, p. 67)

Já nos PCN de língua portuguesa, especialmente do ensino fundamental, o documento fala sobre como o aluno deve ter um olhar crítico para as tiras e crônicas de determinados assuntos, para entendê-las. (MENDONÇA, 2013, p. 54)

As histórias em quadrinhos também estão presentes no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O INEP aponta como essencial para os alunos que realizam a prova, a fluência em interpretar diferentes formas de linguagens e códigos verbais e não-verbais. (VERGUEIRO; RAMOS, 2013, p. 12) É cada vez mais comum e pertinente o emprego de tiras e charges nas provas do exame.

Em 2006, os quadrinhos foram acrescentados à lista de livros do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola). O Programa é posto em prática desde 1997, e “tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.”⁶

2.1 A NECESSIDADE DE UMA LEITURA VISUAL EM RELAÇÃO AOS QUADRINHOS

Sabe-se que para um melhor entendimento dos quadrinhos, deve-se conhecer os elementos que a compõe. Essa linguagem artística não se trata somente de histórias contadas por meio de imagens e diálogos, para uma melhor assimilação dos elementos visuais e verbais que constam em uma história em quadrinhos, é necessário uma leitura de ambos.

Assim, uma história em quadrinhos pode ser narrada visual ou verbalmente. Ambas acentuam o valor de cada uma na hora da leitura, para que o leitor possa compreender inteiramente o que se quer dizer. (VERGUEIRO, 2009, p. 31) Porém, “a grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos.” (Idem, p. 31)

Cagnin (1975) relata ainda a classificação entre esses dois códigos como caracterizar “a imagem como elemento figurativo; e depois, o texto como elemento linguístico integrado no sistema narrativo” (p. 25)

⁶ FONTE: <http://goo.gl/h8xOU7>

Iremos conhecer agora alguns elementos que constituem uma história em quadrinhos, nos conceitos dos autores Ramos (2009), Iannone; Iannone (1994) e Cagnin (1975).

Balão: “O balão é um elemento peculiar das histórias em quadrinhos. Ele contém texto ou imagens, que correspondem ao diálogo mantido pelos personagens, seus pensamentos e sonhos.” (IANNONE; IANNONE, 1994, p. 69).

Figura 1: Tirinha com balão-fala – Peanuts, Charles M. Schulz



Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/2009/10/1953-300-309.html>

Ramos (2009) afirma que: “O mais comum e expressivamente o mais neutro; possui contorno com traçado contínuo, reto ou curvilíneo; também é conhecido como balão de fala.” (p. 37) E conforme Cagnin (1975), no balão-fala: “o apêndice em forma de seta sai da boca do falante.” (p.121).

Figura 2: Tirinha com balão-pensamento – Garfield, Jim Davis



Fonte: <http://tirinhasdogarfield.blogspot.com.br/2013/02/aranhas.html>

Atualmente essa forma de representar o pensamento é utilizada em outros meios de comunicação, como cartazes, outdoors, enfatizando assim a ligação que a linguagem dos quadrinhos ultrapassa as páginas das revistas. Ramos (2009) também relata sobre essa forma de expressar os pensamentos afirmando que: “contorno ondulado e apêndice formado por bolhas; possui o formato de nuvem; indica pensamento”. (p. 37).

“No balão-pensamento, a linha de contorno é irregular, ondulada, quebrada ou de pequenos arcos ligados. O apêndice é formado por pequenas bolhas ou nuvenzinhas que saem do alto da cabeça do pensante.” (CAGNIN, 1975, p. 121).

Figura 3: Tirinha com balão-berro – Peanuts, Charles M. Schulz



Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/2009/04/1953-200-209.html>

A forma que os quadrinistas encontraram de representar gritos com a utilização do balão é muito interessante, pois o fato de terem linhas que formam arcos lembra visualmente uma explosão, ao olhar para um quadrinho que possui o denominado Balão-berro, já realizamos uma leitura visual de algo que sugere um barulho, um som alto, Cagnin relata que: “O balão-berro tem as extremidades dos arcos voltadas para fora, como explosão.” (1975, p. 122) Já Ramos (2009) aponta “Extremidades para fora, como uma explosão; sugere tom de voz alto.” (p. 37).

Figura 4: Recorte com balão-cochicho – Injustiça: Deuses entre nós, Tom Taylor



Fonte: http://hqonline.com.br/?page_id=11354

Os balões que possuem linhas pontilhadas têm como objetivo expressar uma voz baixa, onde o personagem que fala, tem o intuito de que apenas outra pessoa ouça. De acordo com Cagnin: “É usado quando a personagem diz ao seu interlocutor alguma coisa que não pode ser ouvida por um terceiro.” (1975, p. 122).

Figura 5: Recorte com balão-trêmulo – Turma da Mônica, Mauricio de Sousa



Fonte: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno12-11.html>

Em vinhetas onde o autor tem a intenção de retratar medo, este se apropria do balão trêmulo, onde passa uma leitura visual de uma voz que grita. Este mesmo balão é utilizado no personagem que provoca esse sentimento, remetendo a percepção da voz tenebrosa. Nesse caso Cagnin (1975) argumenta que “O balão-trêmulo tem as linhas tortuosas como o tremular das ondas. Indica o medo que se sente ou que se quer transmitir.” (p. 123).

Figura 6: Recorte com balões-intercalados – Injustiça: Deuses entre nós, Tom Taylor



Fonte: http://hqonline.com.br/?page_id=11354

Esses balões são utilizados quando há necessidade de encaixar as falas num mesmo quadrinho, pois a cena acontece naquele instante. Ramos (2009) afirma que “durante a leitura dos balões de um personagem, pode haver outro balão com a fala do interlocutor”. (p.39).

Figura 7: Recorte com balão-uníssono – Peanuts, Charles M. Schulz



Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/2009/07/1953-290-299.html>

Há situações em que num único quadrinho vários personagens falam juntos, no mesmo instante. Para isso os autores utilizam o chamado balão uníssono, que segundo Cagnin (1975) “O balão-uníssono engloba a fala única de diversos personagens” (p.124).

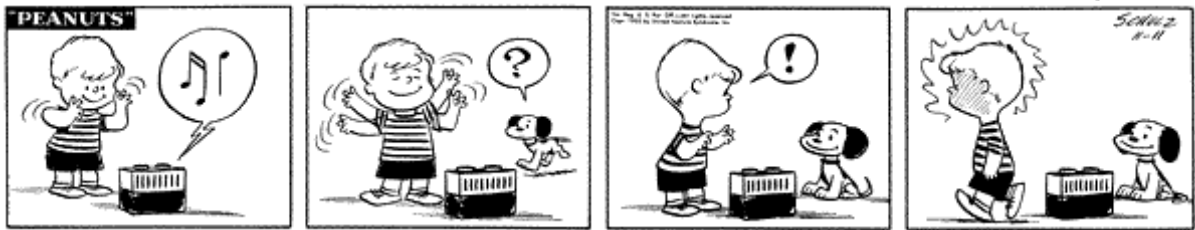
Figura 8: Tirinha com balão-zero – Calvin e Haroldo, Bill Watterson



Fonte: <http://tiras-do-calvin.tumblr.com/image/26217608126>

Nesse quadrinho de Calvin, percebemos que na segunda vinheta há ausência de um balão. Essa forma de expressar a voz apenas com a utilização de um apêndice, é bastante utilizada no mundo dos quadrinhos, mas por estar ao lado do falante, não compromete o entendimento do leitor. Mesmo com o texto desprovido de um balão, sabemos qual personagem está falando, Cagnin aponta que “Alguns autores não usam o balão. O texto fica desguarnecido em um canto qualquer do quadrinho, ao lado do falante. Permanece, porém, a seta reduzida a um simples traço (...)” (1975, p.124).

Figura 9: Tirinha com balão-mudo – Peanuts, Charles M. Schulz



Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/2009/10/1953-310-319.html>

Há histórias ou tiras de HQ que não possuem fala, apenas a expressão de sons. Nesse caso o uso apenas de grafema ou um símbolo já é o suficiente para o que o autor pretende passar ao leitor.

Cagnin (1975) salienta que “o conteúdo ou recheio dos balões pode ser constituído apenas de um sinal linguístico ou um grafema: um ponto de interrogação, ou de exclamação, uma letra. Seria o balão-mundo, pois não contém nenhuma fala.” (p. 129)

E Ramos (2009) consente: “Não contém fala; em geral, aparece com um sinal gráfico (...)” (p. 39).

Figura 10: Recorte com balões-duplos – Injustiça: Deuses entre nós, Tom Taylor



Fonte: http://hqonline.com.br/?page_id=11354

Em muitos quadrinhos, principalmente o de super heróis, é muito comum a fala extensa de um personagem que está associada a dois momentos, separados por um breve silêncio, para que não fiquem visualmente carregados num único balão. Muitos autores se utilizam de balões duplos, que além de atrair para a leitura, torna esteticamente agradável.

Sobre isso Cagnin diz que: “Os duplos são os que, pertencendo a uma só personagem, são ligados por um “estreito” e informam que a fala foi dividida por um

breve silêncio, em duas partes.” (1975, p. 124) Ramos pondera que: “Indica, em princípio, dois momentos de fala.” (2009, p. 40).

Figura 11: Recorte com balão de apêndice cortado – Injustiça: Deuses entre nós, Tom Taylor



Fonte: http://hqonline.com.br/?page_id=11354

Em muitas histórias há um personagem apenas presente na fala, sem sua presença visual. Nesse caso são utilizados balões com apêndices longos e cortados que demonstram que existe alguém interagindo com a cena apenas com o texto que representa sua voz, “é usado para indicar a voz de um emissor que não aparece no quadrinho.” (RAMOS, 2009, p. 41).

Figura 12: Recorte com balão-composto – Injustiça: Deuses entre nós, Tom Taylor



Fonte: http://hqonline.com.br/?page_id=11354

Seguindo do ponto de vista do que é o balão-duplo, mostrado na figura 10, Ramos (2009) argumenta que:

Há necessidade de rever o conceito de *balão-duplo* sugerido por Cagnin. O termo implica que haja dois momentos de fala, e apenas dois. Na prática, nem sempre é assim. Há situações em que ocorrem três, quatro ou até mais seqüências de fala do mesmo personagem. Por isso propomos uma alteração no nome, de modo a abarcar também balões com múltiplos momentos de manifestação verbal da figura representada. Sugerimos o termo *balão-composto* (...) (p. 40)

Além dos balões que trazem as falas dos personagens, traçando uma autonomia aos quadrinhos, há também as metáforas visuais que é uma outra forma de comunicação. Através de símbolos traz um sentido figurado à situação apresentada nas vinhetas. Nas palavras de Carvalho (2006):

A metáfora é uma figura de linguagem na qual se transporta para um objeto o sentido literal de uma palavra ou frase que designa um outro objeto semelhante, dando a essa palavra ou frase um sentido figurado. Isto é, a significação “natural” da palavra é substituída por outra que tem semelhança subentendida. (p. 45)

Figura 13: Recortes de tirinhas com metáforas visuais – Mafalda, Quino



Fonte: <http://clubedamafalda.blogspot.com.br/>

Figura 14: Recortes de tirinhas com metáforas visuais – Peanuts, Charles M. Schulz



Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/>

Sousa

Figura 15: Recortes de tirinhas com metáforas visuais – Turma da Mônica, Mauricio de

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/tirinhas/>

Há também as onomatopéias que representam sonoridade, ou seja, barulhos, ruídos, estouros. E para isso não há uma regra, segundo McCloud (1996) o limite é a criatividade de cada autor. Cirne (1970) afirma que “os ruídos nos quadrinhos mais do que sonoro é visual” (p.26). Carvalho (2006) ainda enfatiza que:

Trata-se das palavras que representam sons. Apesar de haver onomatopéias mais tradicionais, os autores criam onomatopéias diferentes de acordo com o que escutam (o que, inclusive, gera um bom exercício de português/inglês). (...) As onomatopéias também são usadas como efeitos visuais nos quadrinhos. Assim, sua forma e sua cor podem indicar um movimento ou, ainda, serem utilizadas para dar mais impacto a uma cena. (p. 44)

Figura 16: Recortes de tirinhas com onomatopéias – Peanuts, Charles M. Schulz





Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/>

De acordo com Ramos (2009, p. 17) “quadrinhos são quadrinhos. E como tais, gozam de uma linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos.” Porém, dentro dessa linguagem chamada *quadrinhos*, há diferentes gêneros narrativos: as charges, os cartuns, as tiras cômicas, tiras seriadas e vários outros. (Idem, p. 21).

Carvalho (2006) afirma que charge é:

um desenho de caráter crítico exagerado, que se refere a uma situação específica no âmbito social, cultural ou político. (...) é um importante elemento histórico e está atrelada a determinada época ou acontecimento. (p. 16)

É comum as charges estarem presentes nas páginas de política dos jornais.

Figura 17: Charge: E subindo..., Alexandre de Oliveira



Fonte: <http://www.humorpolitico.com.br/economia/e-subindo/>

Já o cartum, possui outra interação com o público. Diferente da charge que é temporal, o cartum possui uma atemporalidade, ou seja, não está presa a uma situação em específico, se trata de uma ideia do autor, que ao ser lida anos depois, ainda a compreendemos. Sobre isso, Carvalho (2006) aponta que:

Se caracteriza por apresentar um humor universal. É claro que é necessário algum conhecimento para entender o cartum, mas em geral basta utilizar o senso comum para entender a piada. Sua característica maior é o humor mais ingênuo e descomprometido, mas, nem por isso, menos engraçado. (...) O cartum também é marcado por uma certa atemporalidade, ou seja, não está atrelado à época em que foi produzido. E, por fim, geralmente constitui-se de um só desenho, uma imagem cômica e universal. (p. 15)

Figura 18: Cartum: Duke



Fonte: <http://dukechargista.com.br/catum-revista-transporte-atual-cnt/>

Entre os outros tantos gêneros, há também as tiras de quadrinhos fechadas, “que são histórias curtas, com começo, meio e fim, em geral com personagens fixos criados pelo autor.” (CARVALHO, 2006, p. 18).

Figura 19: Tirinha fechada – Peanuts, Charles M. Schulz



Fonte: <http://casadosnoopy.blogspot.com.br/2011/12/1953-346-353.html>

Outra especificidade das tirinhas são as tirinhas seriadas. Narram uma história por partes, onde cada tira diária está interligada à uma trama maior. Como

uma telenovela. (RAMOS, 2009, p. 26) “(...) se reproduzida em sequência em um livro, pode ser lida como uma história em quadrinhos mais longa.” (Idem, p. 29).

Figura 20: Tirinhas seriadas - Ed Mort de Luís Fernando Veríssimo e Miguel Paiva



Fonte: <http://pibidletrasuea.blogspot.com.br/2012/03/genero-textual-tirinhas-aula-02.html>

Toda essa gama de conhecimento, de leitura visual está presente no cotidiano escolar, Vergueiro (2009) afirma que são inúmeros os motivos pelo qual o uso das HQs em sala de aula influencia diretamente em um bom desempenho por parte dos educandos e destaca que um dos motivos dos alunos desejarem ler quadrinhos, deve-se ao fato de que essa linguagem já é recorrente no dia a dia de crianças e jovens. Sendo assim, quando incorporadas à sala de aula, as histórias em quadrinhos são, normalmente, apreciadas pelos alunos. E ainda, instigam o interesse do aluno pelas aulas. (p. 21).

E também, a imagem em conjunto com texto, aprimora o entendimento do que se lê, pois há a leitura não só escrita, mas também de imagem. Isso provoca “a criação de um novo nível de comunicação, que amplia a possibilidade de compreensão do conteúdo programático por parte dos alunos.” (VERGUEIRO, 2009, p. 22) O autor defende também que há nos quadrinhos diversas possibilidades de temas que podem ser aplicados em sala de aula, em qualquer disciplina.

Outro benefício da leitura dos quadrinhos é o estímulo ao gosto pela leitura. Ao contrário do que muitos acreditaram, as histórias em quadrinhos induzem

ao hábito da leitura não somente delas próprias, mas também de outros meios como jornais, livros, etc. Sendo assim, o sujeito certamente terá boa interpretação de texto e então, terá melhor desempenho em compreender as leituras para os estudos. Assim como a boa interpretação de leitura, os quadrinhos também engrandecem o vocabulário dos leitores, afinal, neles são usadas variadas expressões que ampliam o vocabulário de forma quase automática.

Vergueiro (2009) postula que os quadrinhos possuem natureza global, sendo assim, não é preciso um conhecimento prévio para entendimento do que está lendo. (p. 24) Certamente, esta é um das razões para que haja diversos tipos de tirinhas, charges ou cartuns em livros didáticos.

E por fim, outra vantagem de inserir os quadrinhos na escola, é que eles podem ser aplicados em qualquer nível escolar. Sendo assim, pode-se constatar que as histórias em quadrinhos, se utilizadas no espaço escolar em geral, podem ser de grande relevância não apenas no desempenho do aluno, com também auxilia o professor a ter uma didática melhor, e também, ajuda com que o conteúdo a ser ensinado tenha uma maior compreensão, de forma que não seja esquecido pelo aluno.

3 O ENSINO DA ARTE

A Arte sempre esteve presente nas diversas culturas existentes, desde os tempos primórdios, até os dias atuais. Amplia a visão de mundo, interage com a sensibilidade e a criticidade. Tendo contato com a arte desde a infância a criança estabelece uma relação estreita aprimorando seu olhar para o mundo em que vive.

Porém, esse olhar nem sempre existiu. Salientando o histórico da Arte na educação, anteriormente era chamada de *Educação Artística* e “apresentava, na sua concepção, uma fundamentação de humanidade dentro de uma lei que resultou mais tecnicista.” (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 18) Conseqüentemente, os alunos tinha sua criatividade oprimida, não podendo se expressar da forma que se sentiam melhor, pois eram avaliados pelo seu êxito (ou não) em concluir atividades que correspondem a uma técnica limitada. Há ainda, casos em que o aluno era sujeitado à obrigação de reproduzir técnicas com perfeição. Atitudes como esta, fizeram com que a disciplina fosse vista de forma tecnicista, afinal, o objetivo de ensinar Arte é exatamente o contrário, a Arte deve ser libertadora, deve fazer com que o aluno se expresse e no que produz, faça o que tem vontade. Arte não deve ser obrigação.

Visto isso, o ensino da Arte percorreu um grande percurso até um reconhecimento como disciplina de conhecimento. Pode-se dizer que o ensino da arte caminhou gradativamente para melhorias. Em 1970, surge no Brasil o movimento *Arte-Educação*. “Esse modo de conceber o ensino de Arte propõe uma ação educativa criadora, ativa e centrada no aluno.” (Ibidem, p. 18). Nessa época surgiam as teorias da educação que também tendenciaram o ensino da arte nas escolas. Subsequindo, um breve histórico das tendências teóricas das pedagogias, baseado num estudo realizado pelas autoras Maria Heloisa Ferraz e Maria F. de Rezende e Fusari (2010).

Tendência Idealista-Liberal da Educação em Arte: Nas palavras das autoras:

Os professores que têm esse modo de ver acreditam que a educação escolar é capaz, sozinha, de garantir a construção de uma sociedade mais igualitária, democrática, e de evitar sua degradação. Para eles, a função da escola é também a de resolver os desvios e problemas sociais. (p. 24)

As teorias que defendem essa colocação são consideradas pouco críticas em suas intervenções sociais. E neste grupo estão incluídas as pedagogias: tradicional, nova e tecnicista. Para melhor entendimento acerca dessas pedagogias, seguiremos com os principais pontos e práticas de cada uma delas nas aulas de Artes.

Pedagogia Tradicional nas aulas de arte: Teve início no século XIX, acentua-se em todo o século XX e ainda manifesta-se até os dias atuais.

“A base idealista desta pedagogia induz a acreditar-se que os indivíduos são “libertados” pelos conhecimentos adquiridos na escola e podem, por isso, organizar com sucesso uma sociedade mais democrática.” (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 24)

Na pedagogia tradicional, o professor “passa” o conhecimento ao aluno de forma que tal opinião seja uma verdade absoluta. O aluno adquire o conhecimento sem questionamentos e sem discordar do que lhe é dito. Desta forma, os alunos não aprimoram ou nem mesmo desenvolvem o senso crítico e acabam se tornando adultos passivos.

Nas aulas de Arte das escolas brasileiras, a tendência tradicional está presente desde o século XIX, quando predominava uma teoria estética mimética, isto é, mais ligada às cópias do “natural” e com a apresentação de “modelos” para os alunos imitarem. (Ibidem, p. 25)

Uma característica dos educadores de arte que aderem a essa pedagogia, é fazer os alunos copiarem algo já pronto, ao invés do estímulo à criação. O professor expõe uma obra já pronta e solicita que os alunos a reproduzam idêntica à original, limitando a criatividade e espontaneidade.

Pedagogia Renovada e as aulas de Artes: Na Europa e Estados Unidos, surgiu no final do século XIX, já no Brasil, a Escola Nova manifestou-se em 1930.

[...] o Escolanovismo contrapõe-se à educação tradicional, avançando um novo passo em direção ao ideal de assumir a organização de uma sociedade mais democrática. Ou seja, os educadores que adotam essa concepção passam a acreditar que as relações entre as pessoas na sociedade poderiam ser mais satisfatórias, menos injustas, se a educação escolar conseguisse adaptar os estudantes ao seu ambiente social. Para alcançar tais finalidades, propõem experiências cognitivas que devem ocorrer de maneira progressiva, ativa, levando em consideração os

interesses, motivações, iniciativas e as necessidades individuais dos alunos. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 29).

O educador da Escola Nova acredita que o processo de aprendizagem, deve ser individual e pessoal. E também, considera que os conhecimentos básicos acerca da vida, os quais a ciência comprova e que são de essencial estudo, não são necessários serem aprendidos na escola, pois o aluno irá percebê-los ao longo da vida. O professor escolanovista repreende qualquer relação com as cópias. Nesta pedagogia, o que é valorizado são os pensamentos e valores pessoais do aluno. Suas vivências e seu entendimento sensível para o meio em que ele vive.

“Na Pedagogia Nova, a aula de Arte traduz-se mais por um proporcionar condições metodológicas para que o aluno possa “expressar” subjetiva e individualmente.” (Ibidem, p. 38).

Pedagogia Tecnicista e as aulas de arte: Surgiu no Brasil entre 1960 e 1970. “[...] visava um acréscimo de eficiência na escola, objetivando a preparação de indivíduos mais “competentes” e produtivos conforme a solicitação do mercado de trabalho.” (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 39) Nesta pedagogia, o professor passa a ser conceituado como técnico, ao invés de educador.

O grande interesse ao formar alunos neste período, era que eles estivessem à altura dos interesses da sociedade industrial. Aprender técnicas era o essencial.

Tendência Realista-Progressista de Educação Escolar em Arte: Essa tendência surgiu nos anos de 1960, pois havia uma preocupação relevante com as contribuições que a escola pública estava tendo, a ideia era tornar uma educação conscientizadora, nesta época surge então três vertentes dentro da tendência realista-progressista; que são denominadas: “libertadora”, “libertária” e “histórico-crítica” ou “crítico-social dos conteúdos”, também conhecidos como “sóciopolítica”. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 42).

A Pedagogia Libertadora proposta por Paulo Freire objetiva a transformação da prática social das classes populares. Seu principal intento é conduzir o povo para uma consciência mais clara dos fatos vividos e, para que isso ocorra, trabalha com a alfabetização de adultos. (FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 42)

Já na Pedagogia Histórico-Crítica, traz um olhar sobre a escola que interage com o meio em que o educando vive valorizando seus interesses, mas sem

deixar de lado a aprendizagem, “sem perder de vista a sistematização lógica dos conhecimentos-assimilação dos conteúdos cognitivos”. (SAVIANI, 1980, p. 60 apud FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 45).

Na pedagogia chamada “Crítico-Social dos Conteúdos” tem em sua essência “integrar os aspectos material/formal do ensino e, ao mesmo tempo, articulá-lo com os movimentos concretos tendentes à transformação social” (LIBÂNEO, 1985), salientando assim as condições em que o alunado vive suas experiências e atribuir com conhecimentos vistos em sala de aula em algo que realmente seja significativo ao aluno, ou seja, “um saber, um saber ser e um saber fazer pedagógico” (LIBÂNEO, 1985 apud FERRAZ; FUSARI, 2010, p. 46).

Entre todas as mudanças que a Arte-Educação já passou, uma mudança significativa foi que no momento atual, há um maior comprometimento com a história e também, com a cultura. Anterior aos anos 80, o único dever da Arte na escola era desenvolver a expressão pessoal do aluno. Atualmente, a Arte-Educação considera a interpretação pessoal de obras de arte, como propósito de ensinamento.

Outra mudança que fez toda a diferença foi a interação entre a leitura da obra de arte, a contextualização social, histórica, estética e antropológica e o fazer da obra. Para obterem êxito, os professores se apóiam em construções do conhecimento em arte. Ou seja, na junção da informação, experimentação e da decodificação.

Não mais se pretende desenvolver apenas uma vaga sensibilidade nos alunos por meio da Arte, mas também se aspira influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes pelo ensino/aprendizagem da Arte. (...) A Arte como uma linguagem aguçadora dos sentidos transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos. (BARBOSA, 2003, p. 17)

Outro fator que também melhorou, é a definição de criatividade. As obras de arte se tornaram mais originais e singulares. Isso propicia uma ampliação do olhar estético do aluno.

Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores, desenvolvidos pelo fazer e ver Arte, fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano. (Idem, p. 18)

Outra melhoria que o ensino da arte teve, foi a importância que passou a ser dada para a alfabetização visual.

O que é tratado, não é o que o artista quis dizer ao realizar sua produção, qual sentimento ele quis passar. Trata-se do que nós mesmos sentimos, no momento em que ela é vista, com influência de tudo o que estamos passando neste mesmo momento. Ela será interpretada conforme nossa bagagem cultural e pessoal, e é isso que dá-se relevância.

A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam. (Idem, p. 18).

Nos dias de hoje, a imagem é utilizada como grande alicerce às empresas de marketing, como forma de nos fazer perceber ideias e conceitos. A imagem deve ser lida, pois nela há conteúdo. Portanto, na Arte-Educação a imagem deve ser tratada como objeto de estudo como ela só, ao invés de algo que serve somente para “ilustrar” algo. Obras de arte não são ilustrações, são imagens com conteúdo.

4 O ENSINO DA ARTE E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Os quadrinhos são possuidores de dois códigos (verbal e visual), sendo assim estabelecem relações entre a realidade, interação com a atividade mental e com sua linguagem “quando usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem” (EISNER, 1999, p. 9). Sendo assim podemos afirmar que as possibilidades de propiciar habilidades entre a interpretação visual e verbal, acontecem com a leitura dos quadrinhos. Eisner já afirmava que “a leitura dos quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual” (1999, p. 8). Estudos já mostrados anteriormente mostram que a utilização dos quadrinhos nas práticas educativas (como nos livros didáticos e livros fornecidos pelo PNBE) contribui para o incentivo à leitura.

Os quadrinhos possuem imagens, que além de contar com um grande poder de leitura visual, não se limitando apenas a uma leitura literária, convida o leitor para um mundo de interpretações e significações. Maria Beatriz Rahde em seu livro intitulado *Imagem Estética Moderna e Pós-Moderna*, traz a relação estreita entre as artes visuais presentes nos quadrinhos.

Na maioria das vezes ignorada pela História da Arte, a história em quadrinhos, que nasceu como imagem narrativa desde o início das primeiras manifestações da pintura, apresentou-se com forma artística, buscou reforço nas correntes da arte, ganhando espaço como arte visual de comunicação pelas mãos e mentes talentosas de diversos artistas plásticos. (2000, p. 47).

Diante dessa afirmação fica evidente a ligação dos quadrinhos com as correntes artísticas, revelando que a arte das HQs convida o observador no seu cotidiano a ressignificar o que vê, pois cenários e imagens fazem parte de nossa moldagem da realidade, propiciando assim uma experiência estética por meio da sensibilidade, percepção e criatividade. Eisner aponta que “quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e, assim, é preciso que o leitor exerça as suas habilidades interpretativas, visuais e verbais”. (1999, p. 8).

Quando um artista plástico está imerso em sua produção, traz como um dos seus objetivos estabelecer uma comunicação entre sua arte e o público. Essa comunicação também está contida nas páginas de uma história em quadrinhos.

McCloud (1996) fala de um “alfabetismo crítico” necessário ao leitor de quadrinhos, pois traz uma interação e uma interpretação com a sua realidade. Assim como na arte, os quadrinhos vão além dos desenhos, trazem significações que propiciam uma relação entre sujeito e o meio em que vive.

Numa produção feita por um aluno, ou um artista os quadrinhos carregam a cultura de quem o fez, sua personalidade, valores estéticos e morais, concepção de mundo, etc. Ou seja, cada sujeito se expressa à sua maneira de ver o mundo.

Umberto Eco relata essa relação entre os personagens de uma HQ, do quanto elas expressam e representam angustias, medos realidades próprias dos adolescentes. Em seu livro *Apocalípticos e Integrados*, nos fala da turma do Charlie Brown:

A poesia dessas crianças nasce do fato de que nelas encontramos todos os problemas, todas as angústias dos adultos que estão atrás dos bastidores. [...] Essas crianças nos tocam de perto porque, num certo sentido, são monstros são as monstruosas reduções infantis de todas as neuroses de um moderno cidadão da civilização industrial. Tocam-nos de perto porque damos conta de que, se são monstros, é porque nós, os adultos, as fizemos assim. Nelas encontramos tudo: Freud, a massificação, a cultura absorvida através das várias “Seleções”, a luta frustrada pelo êxito, a busca de simpatias, a solidão, a reação proterva, a aquiescência passiva e o protesto neurótico. E, no entanto, todos esses elementos não florescem, tal qual os conhecemos, da boca de um grupo de inocentes: são pensadores e reditos depois de terem passado pelo filtro da inocência. (ECO, 1986, p.286)

Os quadrinhos são uma poderosa linguagem que possui uma capacidade prazerosa de estabelecer metodologias que instiguem suas manifestações emocionais. Nesse caso, é claro, sempre associada a um conteúdo proposto pelo professor, pois segundo Barbosa (2009) “todos os principais conceitos das artes plásticas estão embutidos nas páginas de uma história em quadrinhos.” (p. 131).

Além dos elementos que constituem as artes plásticas, como perspectiva, anatomia, composição visual, contexto histórico, os quadrinhos em sala de aula trazem uma oportunidade da prática e reflexão do processo criativo. Quando o aluno possui um conhecimento dos elementos que fazem parte dos quadrinhos, a produção se torna ainda mais significativa ao aluno.

Embora os quadrinhos tragam conteúdos que podem ser abordados nas aulas de Artes, eles ainda são muito mais utilizados em outras disciplinas. E ainda,

em muitos casos, são trabalhados no sentido da criação de uma história, ao invés da leitura de um já existente.

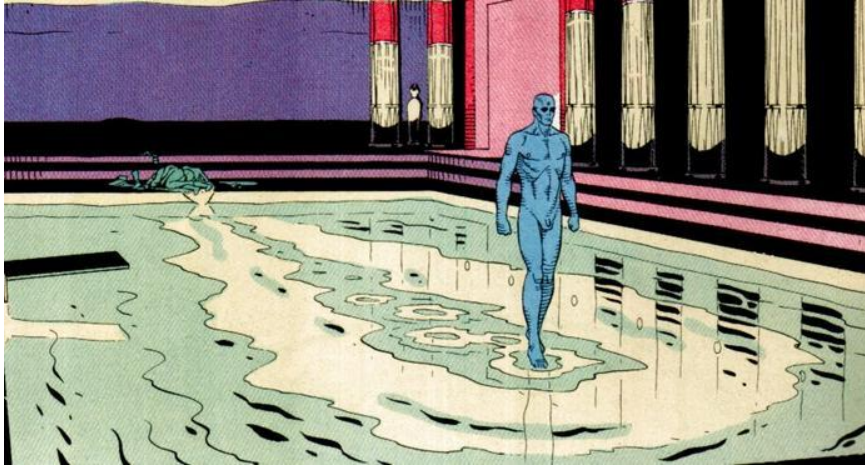
A arte contemporânea traz em seu contexto, uma reflexão sobre a realidade. Segundo Cauquelin (2005) “a arte contemporânea estabelece uma nova concepção da relação entre a arte e o público assim como as reações a essa perturbação”. (p.19). Os quadrinhos também possuem essa característica, segundo Cagnin (1975): “a leitura dos quadrinhos proporciona um aspecto lúdico [...] como também por sua adequação ao universo lúdico da criança e ao enriquecimento do mundo jovem proporcionado pelas imagens”. (p.51).

Em uma metodologia onde há uma descrição com a sua realidade, uma fase em que os alunos estão passando por uma mudança de personalidade natural a essa faixa etária, propicia uma liberdade de expressão que pode provocar em suas produções, questões ideológicas, reflexão com o novo mundo que se apresenta a ele, seus confrontos. E para o professor, estabelece uma forma muito positiva em sua metodologia e em seu processo didático. Cocchiarale (2007) em seu livro *Quem tem medo da arte Contemporânea?* relata que a arte contemporânea possui em seu contexto artístico as várias identidades que uma mesma pessoa tem. Já que durante sua vida, seu contexto histórico modifica, modificando assim sua identidade. Os quadrinhos têm grande influência nessa mudança de percepção pessoal de mundo e também de individualidade. Eisner (1999) ressalta que “o artista de quadrinhos deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor, é preciso que se desenvolva uma interação”. (p. 13).

Nas aulas de Artes, os quadrinhos podem ser mais abordados, e de várias formas. Todas as características dos quadrinhos, todo elemento composto nele, são linguagens artísticas. Então, além do exercício de criação de uma história em quadrinhos e da leitura em si, é possível discernir os elementos visuais compostos em um gibi, e trabalhá-los distintamente, ou em conjunto.

Citamos como exemplo, o personagem Dr. Manhattan, de *Watchmen*, história criada por Alan Moore e ilustrada por Dave Gibbons. É uma ótima forma de abordar a anatomia nas aulas, considerando que o personagem é representado sem roupas em boa parte da HQ. Mas é claro que histórias de super heróis como Batman, Superman, Mulher Maravilha, entre outros, também são uma forma de abordar a anatomia do corpo humano como introdução ao Renascimento.

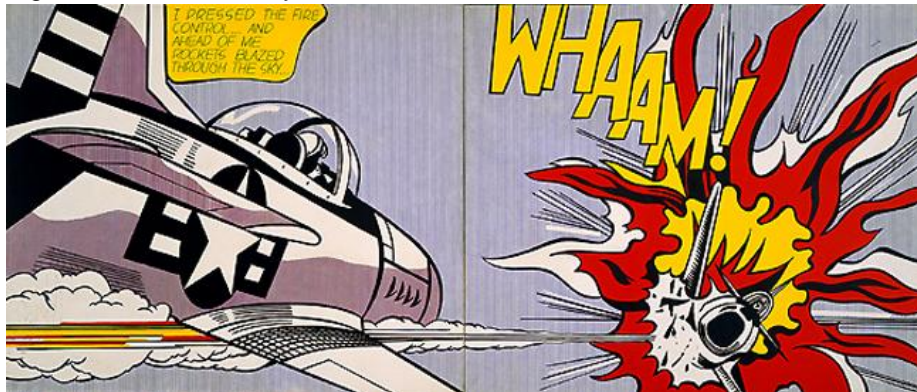
Figura 21: Dr. Manhattan - Watchmen, Alan Moore



Fonte: <http://goodcomics.comicbookresources.com/2007/04/02/365-reasons-to-love-comics-92/>

Outra forma de abordar o desenho nos quadrinhos é através da associação de movimentos artísticos. Um exemplo comum são as obras do artista Roy Lichtenstein. O pintor estadunidense produzia *bandas desenhadas*⁷. Além do pontilhado e das cores características da Pop Art⁸, suas obras são compostas por onomatopéias e diversos elementos dos quadrinhos.

Figura 22: Whaam!, Roy Lichtenstein



Fonte: <http://www.wikiart.org/en/roy-lichtenstein/whaam-1963>

Um ótimo exemplo para ser usado em sala de aula, ao abordarmos o tema Cultura, são os quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa. Em particular o personagem Chico Bento. Chico é um menino que vive na zona rural e tem um sotaque caipira. Pode ser usado em diversos temas de estudo, já que

⁷ Forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. FONTE: <http://goo.gl/EfWQx2>

⁸ Movimento artístico surgido na década de 1930.

demonstra muito sobre a particularidade de cada pessoa, devido à sua cultura e o meio onde vive.

Figura 23: Chico Bento - Turma da Mônica, Mauricio de Sousa



Fonte: <http://toninho05.blogspot.com.br/2014/04/tirinhas-do-chico-bento.html>

Além disso, na Turma da Mônica ainda há personagens com necessidades especiais. A inclusão social pode (e deve) ser abordado em sala de aula, independente da disciplina. Há a personagem Tati, uma menina que possui síndrome de Down. Há também Luca, um menino cadeirante, e Dorinha, uma menina cega, acompanhada de seu cão guia Radar. Temas que podem ser trabalhados no ensino da arte relacionados à interdisciplinaridade.

Figura 24: Luca – Turma da Mônica, Mauricio de Sousa



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/ummeninosobrerodas/>

Figura 25: Dorinha – Turma da Mônica, Mauricio de Sousa



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/dorinhaanovaamiguinha/>

Figura 26: Tati – Turma da Mônica, Mauricio de Sousa



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/saibamaisinclusaosocial/>

No momento em que pais e pedagogos considerarem as histórias em quadrinhos como seus aliados, isso virá a possibilitar um número ilimitado de práticas a seu serviço. Os quadrinhos podem, de um lado, despertar manifestações artísticas e, de outro, ser um poderoso auxiliar em sala de aula e comunidades.⁹

Como visto, as histórias em quadrinhos podem ser aplicadas a qualquer disciplina e serem relacionadas a diversos conteúdos de estudo. Para que essa linguagem seja aplicada nas salas de aula com êxito, acredita-se que seja necessária uma alfabetização, primeiramente, dos professores, para que posteriormente tenham o domínio necessário para ensinarem um pouco mais sobre os quadrinhos aos alunos.

⁹ **FONTE:** <https://www.passeidireto.com/arquivo/1936970/book-luyten-sonia---historia-em-quadrinhos-leitura-critica/15>

5 METODOLOGIA

A presente pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso, que é intitulada Um olhar sobre a linguagem dos quadrinhos no ensino da arte, adota a linha de pesquisa Educação e Arte do curso de Artes Visuais Licenciatura, e levanta questões acerca dos quadrinhos na Arte-Educação.

Ao compreender que pesquisa é “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17), pode-se dizer que esta é uma pesquisa de natureza básica e exploratória, pois (Ibidem, p. 41):

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O problema de pesquisa que serviu como embasamento para a pesquisa, foi: Como as histórias em quadrinhos se relacionam com o ensino da arte? Em torno disso, uma discussão pertinente acerca do uso dessa linguagem nas aulas de Artes.

Sendo assim, esta pesquisa tem abordagem qualitativa, pois conforme as palavras de Minayo (1996, p. 21):

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não se pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para êxito nos informações, os dados presentes nesta pesquisa foram retirados de pesquisas já existentes. Por isso, caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, visto que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (GIL, 2002, p. 44).

Visto que dados foram levantados a partir de uma pesquisa de campo, por meio do procedimento de um questionário aplicado em uma escola pública estadual de Ensino Médio, na cidade de Lauro Müller – SC, esta também é uma

pesquisa de campo. Este questionário foi distribuído a uma turma de 30 alunos, porém apenas 22 estavam presentes no dia da aplicação da pesquisa. O questionário continha cinco questões relacionadas aos quadrinhos, na escola e nas aulas de Artes. A intenção do questionário era coletar informações a respeito de como era o contato daqueles alunos, com as histórias em quadrinhos. Para que a partir disso, as respostas servissem como auxílio nesta pesquisa.

Com a realização da pesquisa de campo na escola, foi possível constatar a importância de uma pesquisa acerca da realidade escolar. Isso ocasionou uma reflexão significativa sobre o uso dos quadrinhos nesta escola. E isto reflete também, na realidade de outras diversas escolas.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada na Escola de Educação Básica Walter Holthausen, com 22 alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Foram distribuídas as autorizações aos alunos para que solicitassem autorização aos pais. Foi aplicado um questionário com cinco perguntas, e todas com o campo para identificação, porém, para preservar a identidade do aluno, optamos por utilizar números das descrições das respostas.

Serão apresentados os questionários, juntamente com as respostas dos alunos, mantendo a redação conforme escrita por eles, que serão analisadas posteriormente.

Questão 1 - Você possui o hábito de ler quadrinhos? Quais você já leu?

Quatro alunos responderam apenas “Não”.

Doze responderam que leram apenas as histórias da Turma da Mônica, e seis relataram as seguintes leituras:

O aluno número 16 respondeu “Não tenho o costume de ler HQs, porém gosto muito da proposta que essa arte traz, onde existem várias versões de uma mesma história. Por exemplo, em um HQ dos Vingadores, o fim da história acaba como nos filmes, porém existem versões onde todos os Vingadores apanham e alguns morrem.”.

Já a aluna 19 escreveu o seguinte: “Sim, eu lia muito quando criança, principalmente Turma da Mônica e também já tive contato com HQs mangá. Sesinho também fez parte da minha infância.”.

O aluno número 20 respondeu que “Sim, atualmente leio Sandman, de Neil Gaiman. Já li Conan, Watchmen, A piada mortal, Neonomicon, Deadpool, Lobo e algumas histórias da Turma da Mônica. Algumas eu não lembro.”.

O aluno 21 respondeu “Quando posso, sim. De todos os gêneros.”

A aluna 22 descreve “Sim, possuo o hábito de ler HQs. Já li V de Vingança, Sandman, Deadpool, Batman, Cavaleiros do Zodíaco e algumas produções do Mauricio de Sousa e Neonomicon.”.

O aluno 4 respondeu “Sim, eu li Zé Carioca, Mônica, Cascão, Sesinho, Pateta, Mickey.

Nas palavras de Ramos (2009): “Ler quadrinhos é ler sua linguagem. Dominá-la mesmo que em seus conceitos mais básicos (...)” (p. 30)

Considerando que apenas dois alunos disseram ter o hábito de lerem quadrinhos, e apenas um disse ler quando pode, ou seja, não é um hábito, isso é inquietante. Sendo que por se tratar de uma turma com alunos que possuem uma média de 16 ou 17 anos de idade, e estão se formando no ensino médio, pode-se dizer que, nessa situação, dependem apenas do incentivo da escola em relação a essas leituras. Pois se não possuem o hábito da leitura, é provável que isso se deva ao fato de que os pais nem ao menos os motivaram a isso.

É claro que apenas quatro alunos responderam não ter esse hábito de leitura, porém os que apontaram a Turma da Mônica como leitura, referiram-se ao passado. Ou seja, liam quando crianças. É comum que brasileiros que lêem quadrinhos, tenham iniciado seu hábito lendo Turma da Mônica, produção de Mauricio de Sousa. Pode-se perceber que todos os alunos mencionaram essa leitura em suas respostas, sobretudo doze alunos. Essas histórias são indicadas ao público infantil, de fato, mas é provável que o real motivo de que esses alunos tenham tido contato apenas com elas, seja porque estas eram as únicas histórias que seus pais liam, quando jovens. Então, supondo que os filhos não tenham contato com diferentes HQs porque seus pais não motivam essa leitura, a escola deveria entrar como parte essencial, e apresentar a diversidade dos quadrinhos. Vergueiro (2009) salienta que “hoje em dia sabe-se que, em geral, os leitores de histórias em quadrinhos são também leitores de outros tipos de revistas, de jornais e de livros.” (p.23). Partindo disso, penso que se talvez esses alunos tivessem tido contato com outras histórias quando crianças teriam passado a gostar de quadrinhos?

Os alunos que responderam ter o hábito da leitura de quadrinhos, citam exemplos que normalmente são lidas por adultos, como V de Vingança, Sandman, Neonomicon, Watchmen, entre outros. O que motivou a curiosidade dessas essas histórias, nesses dois alunos?

Questão 2 – A escola proporciona momentos de leitura em quadrinhos? Em quais disciplinas, e como foi utilizado?

Dezesseis alunos responderam “Não”.

O aluno 4 respondeu “Sim, história eu fiz, Artes.”

A aluna 5 escreveu “Sim, a escola possui momentos em quadrinhos, leitura, que tem mais na disciplina de português, na interpretação das falas.”

A aluna número 6 respondeu que “A escola dá espaço para leitura, mas não necessariamente em quadrinhos. Português.”

O aluno 16 escreveu “Atualmente não há momentos para a leitura de HQs, porém já foi utilizado na disciplina de Artes, onde a proposta era criarmos nossa história.”

Já a aluna 22 responde “Não, as únicas vezes que li quadrinhos na escola, foi através de um aplicativo no celular.”

E a aluna 19 diz “Não muito, só é disponibilizado poucos livros de história em quadrinhos na biblioteca.”

Nas respostas descritas é percebida a lacuna existente em relação ao uso da linguagem dos quadrinhos nas metodologias em sala de aula. Essa ausência mostra a falta de saber usar os quadrinhos de forma mais ampla, que traga ao aluno o olhar para os elementos que fazem parte deles.

Vergueiro (2009) afirma que “a interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir.” (p. 22)

Pode-se perceber que em alguns casos, houve interesse do aluno por essa leitura na escola, porém, conforme uma aluna relatou, são disponibilizados poucos livros de histórias em quadrinhos na biblioteca. Isso é reflexo do não reconhecimento do potencial desta linguagem. Muitos professores não reconhecem os benefícios em utilizar os quadrinhos nas aulas, portanto, muitas vezes eles acabam ficando ausentes na metodologia utilizada por eles.

Questão 3 – A disciplina de Artes já propôs de alguma forma, contato com as HQs? Relate como foi.

Quatorze alunos escreveram apenas “Não”.

Cinco alunos responderam que tiveram de criar suas próprias histórias em quadrinhos.

A aluna 19 respondeu “Já, algumas propostas como criar sua própria história em quadrinhos, e também outras matérias, com criação de uma HQ relacionada com a matéria.”

O aluno 4 respondeu apenas “Sim, eu gostei, foi ótimo.”

A aluna número 6 escreveu “Já, em uma série determinada a professora de Artes pediu que fizéssemos o que queríamos que acontecesse em nosso ano letivo, através de história em quadrinhos.”

Vergueiro (2009) comenta que:

As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico. A forte identificação dos estudantes com os ícones da *cultura de massa* – entre os quais se destacam vários personagens dos quadrinhos -, é também um elemento que reforça a utilização das histórias em quadrinhos no processo didático. (p. 21).

Pode-se constatar, com as respostas dos alunos, os poucos relatos com o uso das HQs. Isso mostra que as atividades foram limitadas a apenas “criar” uma história em quadrinhos, mas nunca ler um quadrinho, ou utilizá-lo em outras propostas pedagógicas como já citado nos capítulos anteriores. Afinal, como conhecer os elementos que constituem uma HQ, sem primeiramente lê-la? Se um dos alunos que responderam nunca terem lido uma HQ, na questão de número 1, fossem sujeitados à atividade de criação da “própria HQ”, como iriam saber como fazê-la se nunca tiveram contato com uma? Acredita-se que assim como qualquer outro conteúdo das aulas de Artes, deve-se ensinar primeiramente, uma introdução ao conteúdo, explicar do que se trata, seus conceitos, etc. Nesses casos, as HQs são tratadas como algo que já é de conhecimento dos alunos, embora nem sempre seja.

Questão 4 – Você vê os quadrinhos como uma linguagem artística?

Explique.

Dez alunos responderam “Sim.”

Duas alunas responderam que “Sim, pois as histórias em quadrinhos fazem com que a gente vá além da imaginação.”

O aluno número 21 respondeu “Sim, analiso os desenhos, as cores, se são coloridos, e a linguagem, pois prefiro numa linguagem coloquial.”

A aluna 11 escreveu “Sim, pois é uma história feita por personagens que são bem desenhados e coloridos, que além de ter o texto, também traz o desenho ilustrando a história.”

Já o aluno 17 respondeu “Sim, porque é uma história com desenhos que vão mudando conforme as falas.”

A aluna 10 respondeu “Sim, pois além das falas, tem os desenhos ilustrando o que está acontecendo.”

A aluna 3 respondeu “Sim, pois os desenhos são uma linguagem artística.”

A aluna 1 aponta “Sim, pois todo desenho acompanhado de leitura representa uma linguagem artística.”

O aluno 20, provável conhecedor de HQs, respondeu “Sim, principalmente os de Neil Gaiman e Alan Moore.”

A aluna 22 respondeu “Sim, A arte é tudo aquilo que é uma forma de expressar sentimentos, conhecimentos, ações, entre outros.”

Já o aluno 16 disse “Sim, é como se fosse um filme, exige muita produção, tanto dos elementos, quanto da história. E se você usar a imaginação, conseguirá ler e ver como um filme.”

A aluna 19 apontou “Sim, com certeza. Além da leitura, a HQ nos permite ver o desenvolvimento da história, como é a face e o estilo do personagem, suas reações, e é muito atrativa por possuir duas formas de liberar a imaginação e participar da história.”

Barbosa (2003) aponta que:

Um aspecto importante da Arte na escola em nossos dias é o fato de se reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância não só para o desenvolvimento da subjetividade mas também para o desenvolvimento profissional.” (p. 20).

Analisando as respostas acima, pode-se perceber que os alunos tiveram realmente pouco contato com quadrinhos, considerando que escreveram diversas coisas errôneas. Percebe-se também o equívoco de alguns alunos em achar que “linguagem” tem ligação apenas com dialeto. A exemplo disso, citamos o aluno 21, que respondeu analisar a “linguagem” da história, e que inclusive prefere a linguagem coloquial.

Questão 5 – Em sua opinião, os quadrinhos contribuem para um melhor desempenho da sua aprendizagem?

Dezesseis alunos responderam que “Sim.”

A aluna 22 respondeu “Claro que sim, principalmente na parte interpretativa, já que mistura linguagem verbal com não-verbal.”

O aluno 20 aponta “Com certeza, alguns contribuem com fatos históricos e mitologias diversas.”

O aluno 16 escreve “Se souber trabalhar com isso, sim. É uma ótima forma de aprendizado.”

A aluna 19 respondeu “Sim, as crianças principalmente, têm como preferência livros que possuem imagens, e esse chamativo das HQS ajuda muito, pois desenvolve a leitura e a visão. Além disso, há várias HQs influentes para adolescentes e adultos, e pode ajudar muito a desenvolver nosso intelecto.”

Já o aluno 21 respondeu “Sim, numa perspectiva artística e na melhora da leitura.”

A aluna 6 escreveu “Sim, pois conseguimos entender o que se passa só no ver as histórias, o modo com que trabalhamos a mente é importante para o aprendizado.”

As respostas acima, ao que se pode ver, foram interpretadas de outra maneira. Já que todas as respostas foram visando uma melhoria de aprendizado apenas da leitura, e não da aprendizagem dos diversos códigos existentes nos quadrinhos. Porém, pode-se perceber também, que alguns alunos reconhecem o potencial dos quadrinhos, porém isso não é discutido na sala de aula.

Vergueiro aponta que “(...) as histórias em quadrinhos possibilitam, com seu uso, a integração entre as diferentes áreas do conhecimento, possibilitando na escola um trabalho interdisciplinar e o com diferentes habilidades interpretativas (visuais e verbais).” (2009, p. 24).

Deve-se frisar que o que foi pontuado nessa análise, não se deve somente ao aprendizado que esses alunos tiveram no Ensino Médio. Afinal, “os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar” (VERGUEIRO, 2009, p. 24) Ou seja, essa carência dos quadrinhos na vida escolar desses alunos, é algo que vêm desde a infância.

7 PROJETO DE CURSO

TITULO: O Surrealismo na linguagem dos quadrinhos

EMENTA: Formação de professores. Linguagem dos quadrinhos como Arte.

PUBLICO ALVO: Acadêmicos e professores de Artes.

PROPOSTA DA CARGA HORÁRIA: 4 horas.

JUSTIFICATIVA

Durante a pesquisa realizada, percebemos a importância que os quadrinhos possuem no processo de ensino aprendizagem. Porém, foi percebido através do questionário realizado com os alunos do Ensino Médio, a ausência do uso dessa linguagem nas metodologias utilizadas nas disciplinas, inclusive de ensino da arte. Sabendo que os quadrinhos são hoje considerados um meio de comunicação de massa e apreciado por todas as idades, pois trazem temas diversificados e que por isso possui uma grande popularidade, com isso sabe-se que os dois códigos que fazem parte dos quadrinhos (verbal e visual), envolvem o aluno no processo criativo que vai além do simples ato de desenhar.

“A criação imagística envolve um contexto sociocultural que consiste em dar forma a alguma idéia, como necessidade dos processos criativos inerentes ao homem para estruturar uma linguagem formal.” (RAHDE, 2000, p. 29). Isso afirma que os quadrinhos fazem parte da interação entre o criar, contextualizar e refletir.

A proposta deste curso vem ao encontro de uma necessidade percebida em relação à utilização dos quadrinhos como uma linguagem artística e o quanto ela pode contribuir de forma positiva para uma metodologia que envolve a criação do aluno, onde ele possa expressar sua vivência associada a um conteúdo do ensino da arte.

Um dos pontos significativos desse curso é apresentar os quadrinhos dentro do movimento artístico surrealismo.

Esse movimento artístico e literário surgiu em Paris na década de 1920, mais ou mesmo ao mesmo tempo em que apareciam outros movimentos modernistas, como o cubismo. Foi o escritor André Breton (1896-1966) o primeiro a utilizar o termo, ao publicar o "Manifesto Surrealista", em 1924. Os artistas deste movimento acreditavam que a arte deveria se libertar das

exigências da lógica e da razão e ir além da consciência do dia-a-dia, para poder expressar o inconsciente, a imaginação e os sonhos.¹⁰

Este estilo de arte possui uma diversificação que envolve o aluno em um processo extremamente criativo, onde a sua imaginação é a ferramenta principal para uma produção significativa. Os quadrinhos, possuidores dessas mesmas características, podem ser abordados em uma metodologia que convida o aluno a criar e a refletir sobre sua criação.

O cartunista Rafael Sica traz em seu trabalho uma proposta surrealista criativa e bastante filosófica sobre a condição humana na contemporaneidade. “O quadrinista trabalha frequentemente temas oníricos e simbólicos e também propõe reflexões sobre os processos da vida contemporânea, suas unicidades e questões existenciais.”¹¹

OBJETIVO GERAL

Propiciar um momento de discussão sobre os quadrinhos e a ausência dessa linguagem na metodologia das aulas de Arte, reconhecendo-o como um aliado no processo de construção de uma alfabetização visual, estética e crítica.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compartilhar os questionários feitos com os alunos do Ensino Médio.
- Apresentar os estudos realizados nesta pesquisa, que apontam dados positivos da utilização dos quadrinhos no ensino.
- Realizar atividades que possibilite a interação dos quadrinhos nos conteúdos da disciplina do ensino da arte, neste caso, o movimento artístico intitulado surrealismo.

METODOLOGIA

Primeiramente recepcionarei os professores e alunos. Em seguida, explicarei a todos o objetivo do curso. Comentarei brevemente sobre o movimento artístico Surrealismo e também sobre o artista Rafael Sica e seu trabalho com quadrinhos surrealistas. Feito isso, comentarei sobre o questionário realizado com

¹⁰ **FONTE:** <http://jornalggn.com.br/sites/default/files/documentos/artemoderna.pdf>

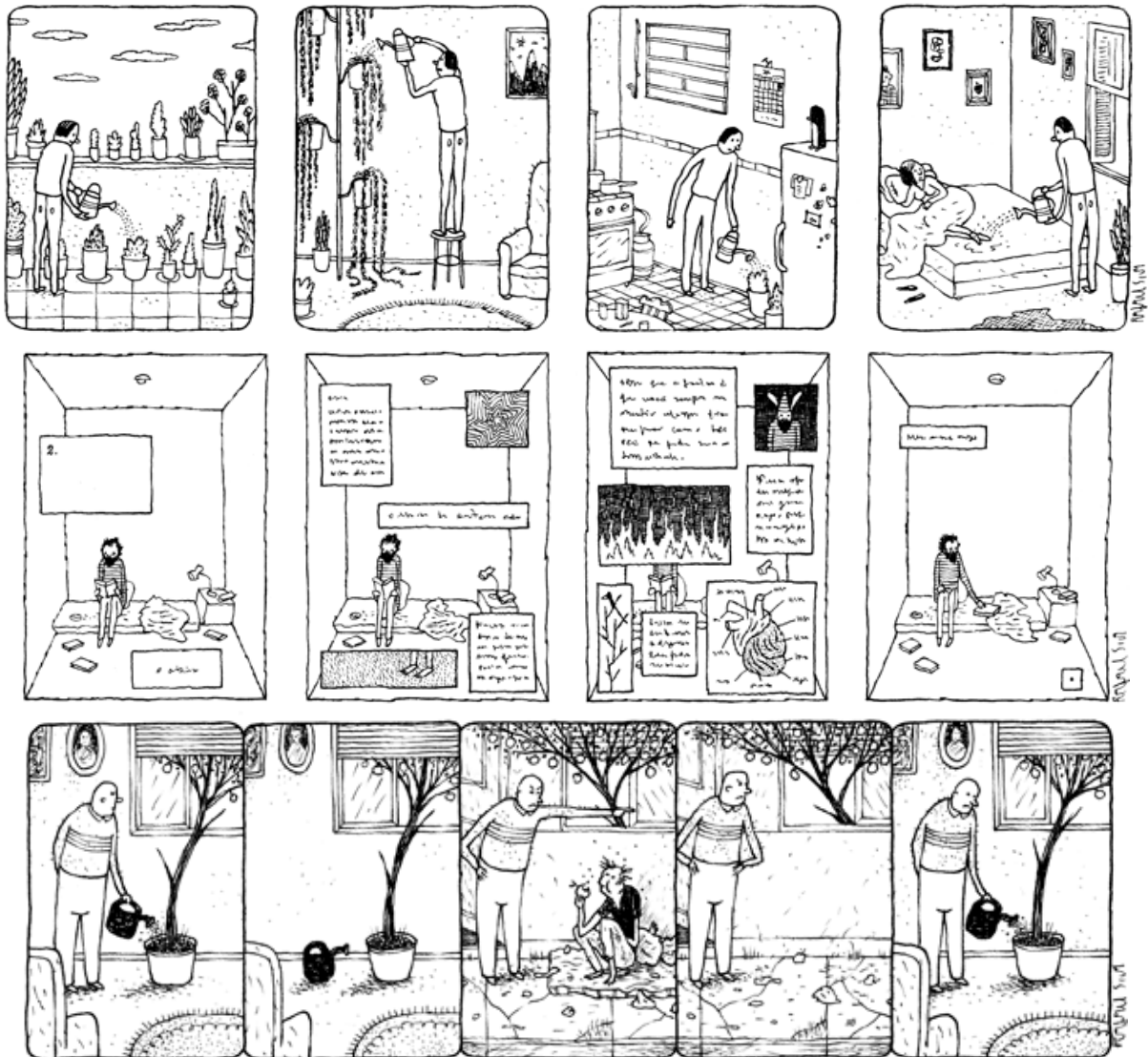
¹¹ **FONTE:** <http://www.itaucultural.org.br/materiacontinuum/marco-abril-2009-os-quadrinhos-contemporaneos/>

os alunos, e em seguida iniciarei um breve debate sobre a importância e o porquê da ausência desta linguagem na escola.

Feito isso, apresentarei aos participantes do curso minha pesquisa, enfatizando os pontos positivos da utilização das histórias em quadrinhos no processo de aprendizagem dos alunos.

Após o debate exibirei à todos as produções do artista Rafael Sica e convidarei-os à lerem-nos e em seguida, irei propor uma interpretação conjunta dos quadrinhos. Em seguida, solicitarei que todos criem uma tirinha surreal. Concluídas as produções, farei uma confraternização, para que todos possam expor o que criaram.

Figura 27: Tirinhas de Rafael Sica



Fonte: <http://rafaelsica.zip.net/>

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve início a partir de uma inquietação sobre adolescentes que afirmaram não gostar de quadrinhos, como já descrito anteriormente. Com a preocupação em pesquisar mais sobre o assunto, e também em querer saber se isso era algo apenas com um pequeno grupo de alunos ou se era também algo recorrente em outros grupos, foi realizado um questionário com uma turma de alunos com idades entre 16 e 18 anos. Este questionário teve como intenção, buscar compreender se estes alunos tinham hábito de leituras em quadrinhos e se tinham contato com os mesmos na escola.

Com o feitiço do questionário, foi realizada uma análise das respostas, o que contribuiu significativamente com o desenvolvimento desta pesquisa.

Refletindo acerca de tudo o que foi investigado, dos dados obtidos e do problema de pesquisa que embasou esta pesquisa: Como as histórias em quadrinhos se relacionam com o ensino da arte? Foi constatado que investir no aprendizado por meio das histórias em quadrinhos é um ótimo método de aprimorar referências culturais, desenvolver o gosto pelo tema estudado e conseqüentemente, pela leitura, algo essencial na vida de qualquer pessoa. Foi constatado também, com base nas respostas do questionário, que os alunos têm grande interesse pelas histórias em quadrinhos, porém há a carência vinda dos professores, em desenvolver uma didática que alcance os quadrinhos, a ponto de inserirem-no em sua metodologia nas salas de aula.

Analisando os dados, também pode-se perceber que quando estes alunos tiveram contato com HQs na sala de aula, tratou-se apenas de uma atividade voltada para a criação de uma história. Com isto, percebe-se que com a aplicação de uma atividade como esta, o professor transforma o olhar do aluno de modo que ele pense que o único modo de ele ter familiaridade com os quadrinhos, na escola, seja por meio do desenho. Sendo que ele pode, sim, ler quadrinhos enquanto está na escola.

Para decodificar este pensamento, foi apresentado nesta pesquisa, uma sugestão de curso destinado à professores e alunos de Artes Visuais, de modo que ampliem seu olhar para o uso da linguagem dos quadrinhos nas aulas de Artes. Considerando que os alunos entrevistados consideram os quadrinhos como algo positivo em seus processos de aprendizagem, pode-se dizer que o que falta para um ensino com inclusão dos quadrinhos, é instigar os professores de arte a

pesquisarem e diversificarem suas práticas e metodologias, além da alfabetização visual para os elementos constituintes nos quadrinhos. Só assim, compreenderão que esta linguagem pode melhorar muito o aprendizado dos alunos. Pode ser algo divertido e extremamente proveitoso, de modo que o aluno não esqueça o conteúdo, seja ele qual for.

É preciso que um número maior de professores se familiarize com as histórias em quadrinhos e tenha disposição para aproveitar o uso dessa linguagem no seu trabalho docente (e imaginação para criar e aperfeiçoar projetos desse tipo). A aplicação dos quadrinhos na educação básica ainda está engatinhando, mas o cenário é promissor. (VILELA, 2013, p. 98).

Sendo assim, conclui-se esta pesquisa com a certeza de que o uso dos quadrinhos nas aulas de Arte é algo que está gradativamente sendo aprimorado, considerando tudo o que foi apontado aqui. E com isso, percebe-se a sua relevância no ensino da arte, já que esta linguagem pode contribuir significativamente na aprendizagem, senso crítico e olhar sensível dos alunos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. **Os quadrinhos no ensino da Arte** in: VERGUEIRO, Waldomiro (Org). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGNIN, Antonio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ed. Ática, 1975.

CARVALHO, Djota. **A Educação está no Gibi**. Campinas, Sp: Papyrus, 2006.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: Uma introdução**: Ed. Martins, 1ª ed, 2005.

CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, Sedução e Paixão**. São Paulo: Contexto, 2001

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo de Arte Contemporânea?**. São Paulo: Ed. Massangana, 2007.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1986

EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1985

LUYTEN, Sonia M. Bibe; REGINA MAIA. **O que é história em quadrinhos**. 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MENDONÇA, João Marcos Parreira. **Biografias em quadrinhos**. *In*: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.) **Quadrinhos na educação: Da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 6. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1996.

RAHDE, Maria Beatriz Furtado. **Imagem: estética moderna e pós-moderna**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Quadrinhos na educação: Da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2013.

VILELA, Túlio. **Quadrinhos de aventura**. *In*: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.) **Quadrinhos na educação: Da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2013.

APÉNDICE(S)

APÊNDICE A – Questionário aplicado com os alunos

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA – 8ª FASE
DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II
ACADÊMICA: VICTÓRIA MARIA JORGE

QUESTIONÁRIO

Questão 1 - Você possui o habito de ler quadrinhos? Quais você já leu?

Questão 2 – A escola proporciona momentos de leitura em quadrinhos?
Em quais disciplinas, e como foi utilizado?

Questão 3 – A disciplina de Artes já propôs de alguma forma, contato com as HQs? Relate como foi.

Questão 4 – Você vê os quadrinhos como uma linguagem artística?
Explique.

Questão 5 – Em sua opinião, os quadrinhos contribuem para um melhor desempenho da sua aprendizagem?

ANEXO (S)

ANEXO A – Autorização – Uso de falas, escritas e imagens

AUTORIZAÇÃO – USO DE FALAS, ESCRITAS E IMAGENS

Eu, _____portador do RG_____ (nº da identidade) autorizo a utilização de minhas falas, escritas e imagens e estou ciente que os dados fornecidos serão utilizados na pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso) de (seu nome) acadêmico (a) da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura que tem como objetivo seu objetivo.

Atenciosamente,

Assinatura

Criciúma, ... agosto de 2015.

ANEXO B – Termo de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

Estamos realizando a coleta de dados para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **(sugira um título)**.

O (a) sr(a): _____ (Ex: secretário de cultura, Diretor de Escola) Diretor da _____ (Secretaria, Escola, Instituição) foi plenamente esclarecido de que autorizando a coleta de dados desse projeto na (nome da turma ou série ou escola), estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos (seu objetivo geral).

Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que a unidade escolar no qual representa poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes a unidade escolar serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

A coleta de dados será realizada pela acadêmica (seu nome) (se telefone:) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor (seu orientador com telefone)

Criciúma (SC) _____ de _____ de 2015.

Assinatura do Responsável pela Unidade Escolar e/ou Instituição